

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C749a Congresso Nacional de Arquivologia (4. : 2010 : Vitória, ES).
Anais do IV Congresso Nacional de Arquivologia, 19 a 22 de
outubro de 2010. - Vitória, ES : [AARQES], 2010.
1 CD-ROM

Tema: A Gestão de Documentos Arquivísticos e o Impacto das
Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.
ISBN: 978-85-63771-00-1

1. Arquivologia - Congressos. 2. Documentos arquivísticos -
Congressos. 3. Tecnologia da informação. I. Título. II. A Gestão de
Documentos Arquivísticos e o Impacto das Novas Tecnologias de
Informação e Comunicação.

CDU: 930.25

Realização



Patrocínio



Apoio



Parceiros



Agência Oficial



Organização



CONVERGÊNCIA: NOVAS LUZES NA GESTÃO DE DOCUMENTOS E NA GESTÃO DO CONHECIMENTO

*Rosale Mattos Souza*¹
rosalemattos@hotmail.com

*Clarice Muhlethaler de Souza*²
csouza952@terra.com.br

RESUMO

Analisa o conceito de convergência e suas repercussões na teoria e na práxis profissional entre as áreas de Arquivologia e Biblioteconomia, sem contudo, haver a absorção de uma área pela outra, e sim, e ao contrário, a existência de aspectos convergentes, permitindo a interoperabilidade, e a interação do conhecimento. No Brasil, já há uma reflexão acadêmica neste sentido, em conseqüência de crescentes e profundas transformações tecnológicas e sociais no âmbito informacional. A geração de documentos e informações, as mídias digitais, as antigas e as novas formas de armazenamento, organização de dados e recuperação da informação demandam essa convergência. A gestão de documentos, da informação e do conhecimento, responsáveis pelo controle e facilitação do acesso aos documentos demanda profissionais com entendimento das metodologias de documentação e dos recursos das tecnologias da informação. Em cada área respectivamente, as metodologias de trabalho aplicadas são necessárias, eficazes e complementares, tais como, a classificação, indexação, avaliação, sistemas de recuperação da informação, descrição, representação e linguagens documentárias. Assim, dentro de uma perspectiva de convergir pontos, incidências, e objetos, busca-se identificar e desenvolver similaridades entre áreas do conhecimento distintas, para lançar raios luminosos na gestão documental e do conhecimento.

Palavras – chave: Gestão de documentos; Gestão do conhecimento; Arquivologia; Biblioteconomia; Convergência.

1 Arquivista graduada (1984) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Mestre em Ciência da Informação pelo convênio UFRJ/ECO/IBICT. Atualmente, é Arquivista da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Professora Assistente, do Departamento de Estudos e Processos Arquivísticos (DEPA), do Centro de Ciências Humanas, da UNIRIO. Foi professora Substituta da Universidade de Brasília, e da Universidade Federal Fluminense. Participou de trabalhos em Congressos Nacionais de Arquivologia no Brasil. Apresentou trabalho de pesquisa na Universidade de Letras do Porto, em Portugal, e Girona, na Espanha. Participa da Comissão Permanente de Documentos de Natureza Sigilosa da UFF, e do Sistema de Gestão de Documentos da Administração Pública – SIGA, participa de projetos arquivísticos e é consultora na Área de Arquivologia. Em seu curriculum constam com mais frequência: Arquivologia, Arquivos Permanentes, Representação Documentária, Comunicação, Ciência da Informação.

2 - Bibliotecária graduada (1974) pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em Ciência da Informação (1983) pelo convênio UFRJ/ECO/IBICT. Atualmente é Professora do 3o. Grau, aposentada da UFF. Publicou artigos em periódicos especializados e trabalhos em anais de eventos. Participou de eventos no exterior e no Brasil. Atualmente atua como consultora em um projeto de desenvolvimento de programa livre de automação de bibliotecas. Atua na área de Ciência da Informação, com ênfase em Planejamento e Administração de Mecanismos de Busca e Recuperação da Informação. Dispõe de página pessoal na Web. <http://www.csouza952.com.br/>

1. ASPECTOS INTRODUTÓRIOS DO CONCEITO DE CONVERGÊNCIA

Convergência não significa uniformidade ou homogeneidade e sim integração sinérgica, com princípios e bases funcionais diferentes e gerenciadas por atores com culturas distintas. Assim, iremos analisar alguns aspectos do conceito de convergência, a fim de que possamos promover a integração de disciplinas, como a Arquivologia, e a Biblioteconomia e Documentação, que são de certa forma, distintas na epistemologia, no pensar e no fazer, porém, entrelaçadas e imbricadas na busca da melhor consecução dos seus objetivos técnicos e na busca do conhecimento.

Convergência, do latim *convergentia*, (FERREIRA, 1986) é o ato de convergir, qualidade, caráter ou estado de convergente, ponto ou grau em que linhas, raios luminosos e objetos convergem; formação de similaridades sucessivas entre organismos ou associações antes distintas. *Convergência* é também ponto de reunião, e de incidência. (BUENO, 1964) Segundo Whitehead, a *Lei de Convergência* é o critério usado pelo senso comum e pela ciência para obter generalizações fundadas na observação. (ABBAGNANO, 1962).

Alguns autores emblemáticos, tanto da Arquivologia, quanto da Biblioteconomia e Documentação, refletiram sobre as diferenças e similitudes entre estas disciplinas, considerando os tipos e suportes documentais, suas metodologias de organização dos documentos e informações, seus acervos, suas funções e objetivos segundo as necessidades institucionais. Mas, assinalaram de forma geral a complementaridade de ambas as áreas, principalmente, no que tange a disponibilização da informação estocada como ponto em comum. Apesar da atuação dos arquivistas e bibliotecários gerar por vezes diferentes procedimentos de tratamento da informação, torna-se uma oportunidade discutir aquilo que os une – o acesso à informação, a informação documentária, a normalização, a mediação, as estratégias de busca com os instrumentos de pesquisa e o aconselhamento do usuário.

Segundo (PINHEIRO, 1998) as convergências disciplinares são necessidades contemporâneas, de uma tendência a inter e transdisciplinar da ciência, destacando que as ciências sociais são interdisciplinares por natureza. Analisa que está havendo um retorno ao humanismo, aos ideais platônicos de academia, em contraposição à fragmentação do conhecimento. Há portanto, na sociedade de hoje uma exigência de um diálogo entre as disciplinas. Para (LE GOFF apud PINHEIRO, 1998), os profissionais desses campos exercem atividades nas instituições de memória ou são lugares topográficos da memória.

Diante dos diversos sentidos elencados para convergência, adotar-se-á um conceito no qual se busca o acesso ao conhecimento no seu mais alto grau para a sociedade, no qual ao mesmo tempo é uma necessidade e um direito, e por extensão entendendo as novas demandas e os novos fazeres do profissional da informação diante dos desafios das tecnologias da informação e do mundo em redes. Conforme (SOUZA, 2000), as Bibliotecas, os Arquivos, e os Serviços de Documentação e Informação constituem o ponto de contato entre o conhecimento, a qualidade de vida e o desenvolvimento humano, estando a serviço de aspectos vitais como: desenvolvimento econômico e desenvolvimento social, direitos humanos, aquisição de conhecimento, solidariedade universal, justiça social, disponibilidade de uma informação adequada e atualizada.

A sociedade do conhecimento nos leva a uma reflexão sobre as funções do arquivista e do bibliotecário, especialmente, diante da constatação de que o ambiente informacional apresenta mudanças em sua composição, seu tamanho e características de mediação. Considerar que existe uma ambiência de informação nova significa considerar que o fazer desses profissionais da informação é extremamente estratégico e político, e sendo assim é necessário considerar a questão do letramento informacional, da exclusão digital e da violência. É preciso ver o quanto esses profissionais lidam com ferramentas de poder e que seu objeto profissional é mecanismo que concede e impõe limites aos direitos.

(DUCHEIN apud AAB, 2006) assinalou que o Bibliotecário manipula documentos diversos, de várias procedências (livros, periódicos, folhetos, etc.), lida em geral com todos os assuntos referentes ao conhecimento humano e atende a uma clientela variada, desde as crianças até aos eruditos. O documentalista trabalha em profundidade sobre um assunto mais restrito e fornece informações a usuários mais especializados, e o arquivista se dedica sobretudo aos documentos únicos, criados no curso de atividades das instituições e indivíduos (...)"

Além disso, devemos lembrar que no Brasil, os Bibliotecários e os Documentalistas, estão em uma mesma categoria, assim como os Arquivistas e *Record Managers*, e há um embate infrutífero entre Arquivistas e Bibliotecários, ancorado muito mais no paradigma do acervamento, do que na função social que aproxima esses profissionais. Na verdade, esses profissionais precisam, cada vez mais, se apoderar das Tecnologias da Informação - TIs, de modo a garantir a construção de interfaces e mecanismos de pesquisa capazes de mediar o acesso a informação, de forma ainda mais consistente que aqueles que estão postos nas redes sociais. E ainda, e principalmente,

precisam interagir juntos como interprofissionais, para não ficarem na periferia de outras profissões que atuam no campo da informação.

Os usuários de unidades de informação estão cada vez mais hábeis como mediadores e mais independentes na busca de informação. No entanto, consideram bem-vinda a presença de um facilitador capaz de aconselhá-lo, adequadamente, na busca e recuperação da informação. Portanto, é necessário que o profissional, mesmo trabalhando em ambientes tradicionais esteja apto a fazer uso de TIs na gestão da informação local, regional, nacional e internacional.

Estamos vivendo uma nova dimensão - um mundo cada vez mais digital e virtual - no qual o tempo e o espaço tiveram seu significado substancialmente modificado. Nessa nova dimensão, redes de computadores, sistemas de televisão a cabo, telefone celular, redes digitais, áudio e imagens digitalizadas já fazem parte do cotidiano de boa parte da população deste planeta. A informação e o conhecimento são elementos fundamentais porque cumprem um papel multifuncional: como *recursos* para a tomada de decisão e a solução de problemas; como *elementos operativos* que se transformam mediante os processos típicos do trabalho para formar conjuntos mais complexos; e ao mesmo tempo, como *produtos* desse trabalho. Nesse sentido, a informação e o conhecimento são susceptíveis de serem gerenciados da mesma forma que qualquer outro recurso de uma organização ou de uma sociedade.

Trataremos, mais especificamente, do processo de intercomunicação. O mundo em geral, tem se manifestado favorável à cooperação, à integração e a comunicação, pelas quais se caracteriza a sociedade do conhecimento. A Internet, por razões técnicas e históricas, tornou-se um padrão de comunicação de forte impacto na sociedade, seja como fonte de informações do tipo estática e ao mesmo tempo dinâmica, ou como repositório de conhecimentos em discussão, possibilitando a interação constante entre grupos e pessoas que discutem assuntos específicos.

Ao nos referirmos a *informação* estaremos tratando dos elementos que entram na formação do *conhecimento*, o qual por sua vez corresponde a compreensão que se tem de uma situação ou de um acontecimento. O *conhecimento* é entendido como uma informação que passou por um processo de seleção, de modelagem, de interpretação e de transformação. Este intercâmbio ou aprendizagem se realiza em três etapas: a emissão de um sinal; a recepção do sinal pela memória e a transposição do sinal ao plano do conhecimento.

Segundo o modelo operacional de (CARTIER, 1992) o qual se baseia nos requisitos gerais de *informação* do usuário na busca do *conhecimento*, destacam-se os seguintes elementos da informação: a) como se origina; b) como se desenvolve; c) como se integra ao plano do *conhecimento*; d) como, com esta *informação*, pode o usuário interagir com o meio ambiente.

O usuário apresenta várias características essenciais para compreensão de seu comportamento: *é um ser predominantemente visual* : cerca de 80% dos sinais que são recebidos diariamente por uma pessoa são de codificados pelo sistema visual; *é um ser social em plena evolução*: que busca equilíbrio e expressão em um mundo igualmente em evolução e recebe comunicação de outros seres humanos, de grupos de interesse e dos meios de comunicação de massa.

Após cinquenta anos da internacionalização da noção de informação como conceito científico e tecnológico estabelecido por N. Wiever, em 1948 e C. Shannon, em 1949, o conceito vem prosperando e sendo sustentado pela Ciência da Informação, a Engenharia Computacional e as Telecomunicações. Em paralelo, o conceito se desenvolveu também como sinônimo de *comunicação* e como tal se manteve congelado até ter sido retomado em 1980, pelo que chamamos de Nova Ordem Internacional de Informação. Dessa última conceituação, se desprenderia, no começo dos anos 70, uma nova postura internacional pela qual a informação seria definida como um recurso mundial para o desenvolvimento. Nesta época já era evidente que a tão apregoada *sociedade da informação* seria uma sociedade informatizada.

A utilização da tecnologia digital, dos computadores, das fibras óticas e dos satélites, além da modernização dos aparelhos telefônicos provocou o surgimento de novos produtos, serviços e necessidades, gerando mudanças na política e na legislação das telecomunicações na maioria dos países. Segundo a teoria da comunicação múltipla e escalonada de CARTIER, a informação circula na sociedade de forma gradual: do indivíduo até os grupos informais, logo em seguida, até os grupos formais e finalmente até a sociedade em geral. A *telemática* é uma área do conhecimento responsável pelo desenvolvimento de técnicas, métodos e serviços que utilizam simultaneamente as telecomunicações e a informática.

Os três pólos, da telemática: privada, comunitária e de massa são espaços públicos com características próprias; existindo um número equivalente de arquitetura de sistemas, de conteúdos e de economias particulares que correspondem a estes espaços. .

Ainda segundo (CARTIER, 1992) a *mediática* estuda e estabelece as regras de desenho, produção, administração e difusão dos conteúdos interativos transportados por sistemas telemáticos. A *mediática* é a arte e a ciência das inter relações entre os fenômenos humanos de percepção e expressão e os sistemas digitais de informação, representando para o usuário uma forma de atuação interativa. Os fatores de interação são múltiplos: a) a necessidade de informar-se; b) a instantaneidade das respostas; c) as variantes sensoriais (o texto, o grafismo, o som, a imagem em vídeo); d) as variantes interativas (as respostas, as conexões, a extração de dados) .

A telemática e a mediática formam um conjunto interativo responsável por um verdadeiro progresso dialético (CARTIER, 1992), pelo qual é possível ao usuário retroalimentar o processo de informação e condicionar a busca do conhecimento a suas reais capacidades de atuar sobre o meio ambiente. Assim, podemos destacar a importância deste trabalho como forma de sublinhar a *convergência* no sentido da interação, da interoperatividade, e a busca pelo o que une nas suas semelhanças, pelo que pode melhorar, simultaneamente, nas áreas do conhecimento. nas Ciências Sociais, e em particular, na Arquivologia e na Biblioteconomia e Documentação, em função do benefício da sociedade na democratização, no acesso à informação e ao conhecimento.

2. UMA LINHA DO TEMPO DAS RELAÇÕES ENTRE A ARQUIVOLOGIA E A BIBLIOTECONOMIA

Arquivos e bibliotecas nasceram juntos, a partir do momento que o homem se tornou sedentário, os indivíduos e as instituições passaram a acumular documentos de toda e qualquer natureza, com o propósito de registrar as ações, experiências e fatos do cotidiano, considerados importantes para os grupamentos humanos, garantindo a prova e os seus direitos, inclusive àqueles voltados para a propriedade e os impostos.

Durante a evolução da escrita, o homem aperfeiçoou os suportes dos seus sinais e os *documentos* foram, conseqüentemente, de forma lenta e progressiva, alterando sua natureza. Paralelamente, os homens foram compreendendo o valor dos documentos e começaram a reunir, conservar e sistematizar os materiais nos quais haviam fixado pela escrita, suas atividades políticas, sociais, econômicas, religiosas e pessoais. A evolução da humanidade e os fatores culturais e tecnológicos levaram o arquivo e a biblioteca a buscarem caminhos próprios e objetivos específicos, embora a *função de guardar* tenha permanecido como um elo eterno.

(SMIT, 2003) assinalou que com a imprensa os documentos foram adquirindo sua feição atual. E que a distinção entre bibliotecas e arquivos originou-se numa associação automática entre os tipos documentais e a função da informação neles contida.

A partir dos Séculos XVIII e XIX, os momentos da Revolução Industrial, a criação dos Estados Modernos, o desenvolvimento da noção de cidadania, a busca das especializações, a criação de novas organizações, e a pesquisa, contribuíram para um processo que culminou com a *explosão documental*, e após a II Grande Guerra Mundial, com a multiplicação dos órgãos do governo e o crescimento da máquina estatal, e por fim com o desenvolvimento de novos tipos de documentos. À explosão documental, se seguiu a explosão da informação, no final do Séc.XX e início do Séc. XXI, provocando a evolução e o aperfeiçoamento da produção, das técnicas de registro, análise dos documentos, e transferência da informação através das tecnologias da informação, das redes e da Internet. Entretanto, a essência da documentação não se alterou, embora hoje venhamos a coletar, armazenar, classificar, selecionar e disseminar a informação que é seu conteúdo.

As diferenças entre os materiais de bibliotecas e os de arquivos estão relacionadas *ao modo pelo qual esses materiais têm origem e entram para as respectivas custódias e quanto aos métodos que utilizam no tratamento destes materiais*. Os *materiais de bibliotecas* visam, preferencialmente, *fins culturais* e são produzidos de *forma avulsa*, ao passo que os *materiais de arquivo* são *produzidos e acumulados em conexão* direta com as atividades funcionais do órgão que os originou. O valor dos documentos de arquivo depende da *relação orgânica entre os documentos, e dos documentos com as atividades e funções da entidade, da família ou do indivíduo que os produziu*, ou seja, há uma relação de significação que mantêm entre si e com esse órgão.

Quanto ao modo pelo qual os materiais entram para a custódia, a diferença entre os materiais de bibliotecas e arquivos está no fato de que os *arquivos são órgãos acumuladores*, por transferências e recolhimentos, e as *bibliotecas são órgãos colecionadores*. Nos arquivos, os documentos agrupam-se e atingem a fase de seu arranjo por um processo natural, de acordo com as atividades institucionais, ao passo que as bibliotecas podem obtê-los de qualquer origem ou forma, por compra, doação ou permuta.

As diferenças entre *os métodos empregados dependem da natureza dos materiais*, como peças individuais ou como coleções. As coleções podem ser consideradas arquivos quando são registros coletados posteriormente e se estão correlacionadas com os assuntos

do fundo documental, embora lhes falte a coesão própria dos arquivos, derivada da atividade ou fim a que se destinam. Assim, bibliotecários e arquivistas podem igualmente contribuir na elaboração da metodologia de tratamento de documentos, embora cada qual adote métodos diferenciados para o tratamento de seus materiais.

A *primeira diferença metodológica* diz respeito à *seleção e à avaliação*. Os arquivistas selecionam e avaliam os documentos para sua eliminação ou preservação, considerando o valor agregado, além disso, há na sua função, nas suas atividades, na organização original uma avaliação por conjunto documental e não por unidade. Os bibliotecários avaliam o material a ser adquirido como peças isoladas, por questões de conveniência e não de preservação.

A *segunda diferença metodológica* diz respeito à *classificação ou arranjo*. Para os arquivistas *classificação* significa o arranjo do material de arquivo de acordo com o princípio de proveniência, quase sempre, após pesquisas da história administrativa, organização, funções e atividades da entidade produtora. Destacando-se que a palavra *classificação* normalmente é empregada para Arquivos Correntes e Intermediários, e *arranjo*, como um tipo de classificação, é específico dos Arquivos Permanentes, os quais poderão servir como parâmetros para o estabelecimento dos seus códigos, da sua disposição física nas estantes e nos depósitos de arquivo. Para os bibliotecários, *classificação* significa o arranjo do material segundo seu assunto de acordo com um sistema lógico predeterminado e a atribuição de símbolos para organização das estantes.

A *terceira diferença metodológica* diz respeito à *descrição documental* ou *catalogação*. Para os arquivistas *descrição* significa a *representação documental*, descrevendo a organização, estrutura, história administrativa ou a biografia, quando é a descrição do fundo documental de um indivíduo. Assim, representa-se na *descrição arquivística* o conjunto documental, a agregação de peças documentais a grupos ou séries, no qual os *conceitos de autoria e de título* podem ser estabelecidos após pesquisa da identificação e história administrativa do órgão produtor, análise dos documentos, datas de produção e assuntos aos quais se referem. Para os bibliotecários, a *catalogação* ou *representação descritiva* é a descrição dos documentos, como peças avulsas, através do autor, título, local de publicação, editor, ano de publicação e assuntos.

Meios Institucionais de Custódia e Disseminação e os Novos Aspectos Contemporâneos

	Arquivo	Biblioteca	Museu	Centro de documentação/ banco de dados
<i>Tipo de suporte</i>	manuscritos, impressos, audiovisuais, eletrônicos, digitais, virtuais, exemplar único ou múltiplo	impressos, manuscritos, audiovisuais, eletrônicos digitais, virtuais exemplares múltiplos	Objetos bi/ tridimensionais, exemplar único	audiovisuais (reproduções) eletrônicos digitais, virtuais , exemplar único ou múltiplo
<i>Tipo de conjunto</i>	fundos; documentos unidos pela proveniência (origem), pelas funções , atividades, e coleção e conteúdos	coleção; documentos unidos pelo conteúdo	coleção; documentos unidos pelo conteúdo ou pela função	coleção, documentos unidos pelo conteúdo
<i>Produtor</i>	a máquina administrativa , família, indivíduo.	atividade humana individual e coletiva	atividade humana, a natureza	atividade humana individual e coletiva
<i>Fins de produção</i>	administrativos, jurídicos, funcionais, legais, culturais , científicos	culturais, científicos, técnicos, artísticos, educativos	culturais, artísticos, funcionais	culturais científicos
<i>Objetivo</i>	Provar, testemunhar Instruir e Informar	instruir e informar	Informar e entreter	informar
<i>Entrada dos documentos</i>	passagem natural de fonte geradora única ou múltipla	compra, doação, permuta de fontes múltiplas	compra, doação, permuta de fontes múltiplas	compra, doação, permuta e pesquisa de fontes múltiplas
<i>Processamento técnico</i>	avaliação , registro, arranjo, descrição: guias, inventários, catálogos, etc. classificação, Indexação, Instrumentos eletrônicos	Seleção , tombamento, classificação, catalogação: Indexação catálogos eletrônicos	tombamento, catalogação: inventários, catálogos	tombamento, classificação, catalogação: Indexação catálogos eletrônicos redes
<i>Público</i>	administrador, grande público e pesquisador	grande público e pesquisador	grande público e pesquisador	pesquisador

Quadro revisto e ampliado com base em:

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

3. BIBLIOTECONOMIA, UMA CIÊNCIA SOCIAL APLICADA E INTERDISCIPLINAR

Na história da humanidade predomina a tradição oral, fortemente influenciada pelos fatores de produção dos artefatos da escrita, tais como, a natureza e o custo do suporte e do modo de produção, além de questões como o analfabetismo e o iletramento. É próprio do ser humano registrar e preservar conhecimentos das mais diversas formas, o que nos leva a crer que as bibliotecas, no seu sentido mais amplo, antecederam os livros e até mesmos os manuscritos.

Da mesma forma, podemos crer que a história do livro e das bibliotecas teve como objeto, por longo tempo, a medida da desigual presença do livro nos diferentes grupos sociais, influenciados pelas propriedades de gênero ou de geração, as adesões religiosas, as tradições comunitárias, educativas ou corporativas. A escrita e a biblioteca contribuíram para atender tanto ao desejo de registrar o conhecimento quanto à necessidade de preservar esse registro.

A biblioteca tomada como uma agência social, responsável pela preservação e transmissão da cultura, foi criada para atender as necessidades da instituição à qual estiver subordinada, tais como, a escola, a comunidade, a universidade, a empresa, a nação. O advento da biblioteca deve-se à existência dos materiais, como argila, papiro, pergaminho ou papel, e ao desejo humano de registrar conhecimentos e à primeira revolução técnico-lingüística: a escrita. Nos primórdios a forma material primitiva do livro era marcada pelo uso do papiro em forma de rolo, o emprego da tinta e a utilização das ilustrações como complemento explicativo do texto. Há notícias da existência de bibliotecas públicas e privadas, o que não excluía as formas de leitura pública em voz alta feita pelo próprio autor. Nas primeiras coleções, o texto é lido e relido inúmeras vezes. As bibliotecas eram cumulativas e reservadas a um público leitor erudito, à casta sacerdotal e à nobreza, e as bibliotecas particulares proliferaram nas residências e estavam sempre instaladas junto a um jardim, em *um espaço para viver*. As bibliotecas públicas eram na realidade monumentos de celebração ao poder e abrigavam acervos previamente censurados por esse mesmo poder. Livros e bibliotecas tinham seu lugar na abundância e nos comportamentos de uma vida opulenta.

A partir do século II DC o *códice* irá substituir o rolo com temas eram religiosos, num ambiente, predominantemente, monástico, e a convivência de três culturas livresas: a cristã, a islâmica e a hebraica. Como a maioria não sabia ler as ilustrações são ricas, um

ensino visual de desenhos toscos, sem perspectivas, brilhantes e coloridos.

Deslocadas dos mosteiros para as universidades, as bibliotecas se expandem com a vida cultural. O ensino era em latim e o instrumento básico era o livro. As cópias eram feitas pelos próprios estudantes ou confiadas aos encadernadores. Surgem os ofícios de calígrafo, iluminista e encadernador. O livro perpetua-se como objeto de ostentação, criando-se verdadeiras obras de arte com a colaboração dos mais destacados artistas da época onde o texto é relegado a segundo plano. Em fins do século XIII, surgem os manuscritos de papel, a princípio de trapos de linho ou cânhamo, e encadernação de peles. Os manuscritos luxuosos, convivem com livros populares. Os leitores são na realidade ouvintes de uma voz leitora silenciosa ou murmurada e a leitura é meditativa. A produção do papel e o advento da imprensa com Gutenberg transformaram o manuscrito, exótico e produzido como forma de arte, em obra mecânica que o tempo se encarregou de converter na maior revolução da história da cultura. As transformações do livro e das formas de leitura avançam juntas. A alfabetização se desenvolve. O livro torna-se fonte através da qual se acessa os saberes e a leitura fragmentada de muitos livros. As bibliotecas se transformam, de organizações destinadas à conservação patrimonial, em agências de promoção da leitura, facilitando o acesso aos livros mediante a manutenção de catálogos. No entanto, a biblioteca vai conservar por muito tempo ainda o silêncio, pois silenciosa é a leitura meditativa.

Nos dias atuais, a transmissão eletrônica de textos e as maneiras de ler que ela impõe indicam que o leitor de hoje, e mais intensamente o leitor de amanhã, encontrará ao ler algo da postura do leitor da Antiguidade que lia um *volumen*, um rolo, pois com o computador, o texto se *desenrola* verticalmente, através do *hipertexto*, dotado das referências do *codex*, tais como, paginação, índice, tabelas, etc. Hoje o leitor é também o produtor e o transmissor do texto o que nos obriga a considerar a necessidade de uma redefinição de todas as categorias de expectativas e percepções dos leitores, tais como, os conceitos jurídicos de direitos autorais e propriedade intelectual; as características estéticas de integridade, estabilidade e originalidade das obras; os regulamentos de depósito legal, de catalogação, classificação e descrição bibliográfica que foram estabelecidos para uma outra modalidade de produção, de conservação e de comunicação do texto escrito.

Etimologicamente, a palavra *biblioteca* é originária do grego *bibliothéke*, chegou até nós através do latim *bibliotheca*, derivada dos radicais gregos *biblio* e *teca*, cujos

significados são, respectivamente, livro e coleção ou depósito. No sentido contemporâneo, a palavra *biblioteca*, se refere a qualquer coleção de dados registrados em muitas outras formas e não só em livros, seja em meio eletrônico, digital ou virtual. O conceito se amplia e o acesso à coleção e serviços pode ser geograficamente universal. Há basicamente duas espécies de acervos em bibliotecas: *acervos de conservação* que se referem a todo tipo de documento raro e /ou de valor e *acervos de consumo*, abertos a todos e destinados à leitura e a difusão do conhecimento. Atualmente, a maioria das bibliotecas encontra-se interligada, por meio de redes e consórcios; desenvolvem programas de cooperação e intercâmbio de âmbito local, regional, nacional ou internacional; tem acentuado caráter público com amplo e irrestrito acesso à coleção.

Essa transformação gradativa foi conseqüência de quatro movimentos sociais distintos: laicização, democratização, especialização e socialização.

No Brasil, a história das bibliotecas remonta a primeira metade do século XVI. Até esta época quase nada se sabe sobre a existência de livros no Brasil.

Apesar das restrições estabelecidas, em 1551, pelo *Rol dos livros defesos*, e em 1581 pelo *Index librorum prohibitorum*, haviam no Brasil livros proibidos que passaram incólumes pela alfândega da França, de Portugal e do Brasil.

Na passagem do século XVIII para o XIX, a leitura e os livros foram tomando espaço no Brasil. A leitura oral pública ou privada, proliferou e os livros eram lidos e debatidos. Apenas no século XIX, foram instauradas bibliotecas públicas no Brasil.

No terceiro milênio a biblioteca tem que reencontrar sua importância social vencendo o desafio de ser mais do que guardiã da cultura, sendo uma provedora de informação e educação e uma servidora da sociedade, indo ao encontro das necessidades básicas de bem estar social, cooperando lado a lado com suas organizações comunitárias, se aproximando de outras agências sociais e se reconhecendo parceira e apoiadora de todas as iniciativas que objetivam reduzir os índices de subdesenvolvimento humano. É tarefa de todos se sentirem convocados a colaborar para que a sociedade brasileira determine para si um novo futuro.

4. ARQUIVOLOGIA, UMA CIÊNCIA SOCIAL APLICADA E INTERDISCIPLINAR

Os objetos da Arquivologia são o documento, o conjunto documental, o Arquivo, a Informação. Entretanto, a informação arquivística, ao longo da sua trajetória conceitual, vêm adquirindo diferentes expressões, tais como, informação orgânica, informação institucional, etc. A Arquivologia já nasceu social e interdisciplinar com a Diplomática em 1681, com a História e a Paleografia a partir dos Séc. XIX. O nascimento da Arquivística associada à Diplomática suscitou a crítica interna e externa dos documentos, a necessidade dos símbolos de autenticidade documental, tais como selos, marcas d'água, e assinaturas. Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005):

“Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte.”

No que diz respeito ao paradigma da Arquivística Custodial, positivista, destaca-se que foi a partir da ascensão da burguesia, e a queda do ancien regime, houve a criação do Arquivo Nacional Francês como instituição pública a partir da Revolução Francesa em 1789, instituindo o direito do cidadão ao acesso documental. Desde então, com a criação dos Estados Modernos e o desenvolvimento do liberalismo econômico foram criados outros arquivos nacionais, buscando consolidar o ideal de nacionalismo e de identidade coletiva das nações. A Arquivística no Séc.XIX, como disciplina auxiliar da História, erudita e custodial, na qual o documento segundo (LE GOFF, 1990) trata-se do documento-monumento, tal como um objeto museológico.

Com Natallis de Wailly, Arquivista e Historiador francês do Séc. XIX, surgiram formalmente alguns princípios fundamentais da Arquivologia, ou seja, o advento do Princípio de Respeito aos Fundos Documentais, da origem documental, do órgão produtor e da Ordem Original em 1841. Outro grande marco epistemológico para a Arquivística como Área do Conhecimento é a obra do Manual dos Arquivistas Holandeses, de autoria de S. Muller, J. A Feith, e R. Fruin, que em 1898 criaram preceitos norteadores para a área como disciplina, nos quais se nota ainda hoje a sua influência, apontando problemas e soluções, tanto teóricas quanto práticas.

No Administrativismo, a Arquivística científica prima pela eficiência

administrativa, numa interface interdisciplinar com a Administração. Após a II Guerra Mundial, com a explosão documental, e o aumento dos órgãos de Guerra, passou-se ao advento da gestão de documentos, procurando diminuir o volume das grandes Massas Documentais Acumuladas (MDAs), e ainda promovendo a economia do espaço. Houve uma noção de racionalização documental. No Arquivo Nacional Norte-Americano criado em 1934, deu-se prosseguimento ao trabalho de Comissões que dessem conta desta problemática, uma delas foi a dirigida pelo então Diretor Theodore R. Schellenberg, denominada Comissão Hoover, na década de 1950. Esta comissão criou uma nova teoria, a do Ciclo de Vital dos documentos, com três idades documentais, ou seja, a do Arquivo Corrente, ativo; Arquivo Intermediário ou Semi-ativo; e o Arquivo Permanente, de Custódia ou Histórico. Segundo (OLIVEIRA, et al, 1993):

“considera-se Gestão de Documentos o conjunto de procedimentos e operações técnicas referentes às atividades de produção, tramitação, uso, avaliação arquivamento de documentos em fase corrente e intermediária, visando a sua eliminação ou recolhimento para guarda permanente”

Podemos assinalar também que houve uma linha de pensamento Norte-Americana, que afastou os Arquivos Correntes dos Arquivos Históricos, criando um profissional denominado de Record Manager dos Arquivistas voltados para os arquivos Históricos. Posteriormente, houve a partir de uma linha de pensamento Canadense, a Arquivística Integrada, revalorizando a Arquivística com a passagem dos documentos dos Arquivos correntes para os Arquivos Históricos, voltando-se para uma Arquivística Sistêmica, na qual seus principais representantes são os teóricos Carol Couture e Rousseau.

Com a Arquivística Pós-Custodial, sistêmica, influenciada pelas novas tecnologias da informação, muda-se o eixo paradigmático. Diante do mundo cada vez mais globalizado, em redes e sistemas de informação, alguns teóricos da Arquivística passaram a expressar suas reflexões, anseios e preocupações. Um desses teóricos, já na década de 1990, foi Charles Dollar com a preservação dos documentos digitais, a preocupação com a migração das informações para outras mídias, a obsolescência dos equipamentos de informática. Outra teórica foi a Arquivista e Historiadora Luciana Duranti, procurando através da Diplomática Contemporânea no Projeto Interpairs, da University British Columbia – UBC, a autenticidade e fidedignidade documental dos registros contemporâneos (digitais), trazendo mudanças nos princípios arquivísticos. Os princípios

tradicionais da Arquivística foram discutidos por (DURANTI, 1994) frente às tecnologias da informação através da Diplomática: Imparcialidade, autenticidade, Naturalidade, Inter-relacionamento, e Unicidade.

Segundo (COOK, Terry apud FONSECA, Maria Odila, 2005), mudanças ocorrerão no mundo pós-moderno, com a passagem do arquivo jurídico-administrativo do estado para uma razão sócio-cultural com um público maior, preocupação com a autenticidade e confiabilidade do documento eletrônico, estruturas estáticas de arranjo para estruturas dinâmicas, mudança de perfil do arquivista de passivo para pró-ativo, e da Arquivística não ser mais constituída de leis imutáveis.

No caso brasileiro, destaca-se a criação do Arquivo Nacional do Império em 1838, atualmente, Arquivo Nacional que tinha uma perspectiva somente custodial, e a sua mudança de paradigma, a partir da Lei 8.159 de 08 de janeiro de 1991, que dispõe sobre a Política Nacional de Arquivos Públicos e Privados, e dá outras providências. Simultaneamente a criação do Sistema Nacional de Arquivos – SINAR e o Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ, e a conseqüente criação das suas Câmaras Técnicas e Comitês Setoriais que tratam de assuntos específicos da Arquivística. Assim, destaca-se atualmente com as discussões contemporâneas sobre documentos digitais, sua autenticidade, sua fidedignidade, suas características de acordo com a Diplomática Contemporânea a Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos. E a Câmara Técnica de Descrição associada ao Comitê de Boas Normas e Práticas, do Conselho Internacional de Arquivos- ICA, ligado à UNESCO, vem divulgando no país as normas de descrição arquivísticas: ISAD(G), NOBRADE, ISAAR (CPF), ISDF, ISDIAH e o Sistema de Recuperação da Informação – ICA TOM, adaptado a estas normas, do ICA, promovendo uma maior aproximação com os usuários da informação, agências de informação, e o público em geral.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o aspecto da Ciência da Informação, o ponto nuclear é constituído de três disciplinas: *Biblioteconomia*, *Arquivologia* e *Museologia*, já denominadas na literatura da área como - três Marias. Sendo que, cada uma destas disciplinas já tinha epistemologia própria antes da Ciência da Informação. A Arquivologia e a Biblioteconomia e Documentação são Ciências da Informação que têm epistemologias próprias, ambas surgiram como Ciências Sociais Aplicadas e, interdisciplinares, e voltadas para as tecnologias da informação, e para os novos paradigmas do mundo da sociedade da informação. Portanto, a Arquivística nasceu interdisciplinar com a Diplomática, como ciência auxiliar da História, depois da Administração, e vem intertecendo com outras disciplinas como a Informática, a Biblioteconomia, e a Ciência da Informação, e agora busca o desenvolvimento da sua própria identidade como ciência, independente, como área do conhecimento.

As fontes documentais refletem não apenas a expansão e o funcionamento de um governo, mas também, o desenvolvimento de um país, da cultura à política de Estado, uma vez que os arquivos públicos são agentes administrativos dos governos, se constituem na escrita do estado. Na verdade, é dever do estado a preservação do patrimônio cultural da nação, e de prestar contas e dar acesso aos cidadãos aos atos do governo, promovendo a transparência administrativa. Há ainda, o interesse individual na busca de direitos e privilégios civis, e direitos coletivos, como prova das relações da cidadania para com o governo, e deste para com o cidadão.

Sendo assim, entendemos que um dos grandes desafios da Arquivística contemporânea ainda é selecionar e avaliar em meio às massas documentais acumuladas - MDAs, segundo o valor primário dos documentos (valor administrativo) e secundário (históricos, comprobatórios e informativos), de acordo com os *códigos de classificação* e *tabelas de temporalidade de documentos*, determinando de acordo com os seus prazos de guarda, e a sua destinação final, aqueles documentos que serão eliminados ou preservados para guarda permanente.

Quanto aos desafios contemporâneos tanto para os arquivistas, quanto para os bibliotecários a preservação dos documentos hoje se preocupa com a migração de conteúdos para outras mídias, em função da obsolescência dos equipamentos e dos programas de computador, as atividades de trabalho não são mais em ambientes estáticos, mas em constante mudança e multifacetados; estes profissionais têm que estar em

constante atualização de conhecimentos culturais, científicos e tecnológicos. As tecnologias da informação e os documentos digitais mudaram o contexto da sociedade, ampliando suas potencialidades em todos os sentidos: cognitivo, existencial, empresarial, nas diferentes esferas do estado, revelando novas formas de integração através do meio digital, tais como, a mensagem eletrônica, a memória artificial, agregar e difundir acervos e conhecimentos em alta escala através da Web com sítios e páginas eletrônicas; a sociedade da informação tem como um dos reflexos o exercício da cidadania por meio eletrônico, na qual o cidadão pode cobrar a prestação de contas do estado no próprios sítios eletrônicos dos órgãos do governo; a legislação brasileira está se desenvolvendo para acompanhar as necessidades tecnológicas ligadas aos documentos gerados em meio eletrônico.

De um modo geral, as profissões de arquivista e de bibliotecário formam *redes cooperativas* que tem se caracterizado de forma relativamente independente, atendendo aos seus interesses específicos. Desta forma, há *redes de profissionais da informação sem serviços de informação, sem infra-estrutura telemática*; e sem vínculos sistemáticos com a *pesquisa*, e com *redes telemáticas*; e há *redes telemáticas* sem estreita conexão com *redes de profissionais da informação* e *redes de pesquisa em Arquivologia e Biblioteconomia*.

A *convergência cultural* deverá consistir na concepção de redes integradas nas quais os atores profissionais sejam capazes de compreender o significado delas como novos meios de informação e comunicação e não como fins em si mesmos, resultando no que podemos chamar de *redes midiáticas*, capazes de produzir uma integração dinâmica.

Arquivistas e bibliotecários são profissionais da informação que lidam com documentos, no estrito cumprimento do dever de proporcionar informação e facilitar habilidades tecnológicas de acesso à informação para todos, através de redes sociais, estas muito mais antigas que as redes eletrônicas e digitais. Arquivistas e bibliotecários podem trabalhar em conjunto, empregando técnicas uma da outra e adaptá-las às necessidades inerentes de cada uma, tais como, procurando o que as une, como por exemplo, a preocupação com a entrada e saída de dados, na informação e representação documentária, na distribuição e disseminação de informações na WEB. A *convergência profissional e funcional* deverá consistir na concepção de redes integradas apoiadas nas TIs, que possibilitem uma cooperação sinérgica entre os diferentes atores profissionais e uma base operativa mais ampla e frutífera. Se desejarem obter qualidade em seu trabalho como gestores do conhecimento, o Arquivista e o Bibliotecário deverão converter as TIs em um

fator de qualidade profissional, estando preparados a utilizar com proveito os serviços de informação, bem como, a tecnologia de comunicação e tratamento da informação, próprias das redes telemáticas. Portanto, a convergência poderá lançar novas luzes na gestão de documentos e na gestão do conhecimento.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia org. **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo: Mercado de Letras, FAPESP, 1999.

ARQUIVO NACIONAL DO BRASIL. **Dicionário de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Ed. Planeta, 2003.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. Resenha disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpc/n2/a09n2.pdf>> Acesso em 29 jul. 2010.

CANFORA, Luciano. **A biblioteca desaparecida: histórias da biblioteca de Alexandria**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARTIER, Michel. Un nuevo modelo de acceso al conocimiento. **INFOLAC**, Caracas, v.5, n.3/4, p. 3-19, Julio/Diciembre, 1992.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (org). **História da leitura do mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 2002. v.1 (Coleção Múltiplas Escritas)

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999. Resenha disponível em: <<http://www.ccuac.unicamp.br/revista/infotec/artigos/mariangela2.html>> Acesso em: 29 jul. 2010.

CUNHA, Miriam Vieira da. Bibliotecários e arquivistas: novos fazeres na sociedade do conhecimento. **PontodeAcesso**, Salvador, v.1, n.1, p. 99-106, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/1395/877>> Acesso em: 29 jul. 2010.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GOMES. Sônia de Conti. **Bibliotecas e sociedade na primeira república**. São Paulo: Pioneira; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983. Prêmio Biblioteconomia e Documentação do INL de 1982.

Informativo da Associação dos Arquivistas Brasileiros, v. 15, n. 1, jan./jun. 2006.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 1990.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MORAES, Rubens Borba. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.

OLIVEIRA, Maria Izabel et. al. **Gestão de Documentos: conceitos e procedimentos básicos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993. (Série Publicações Técnicas, n. 47)

PAES, Marilena Leite. **Arquivos: teoria e prática**. 3.ed. rev. ampl. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2005.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **Em busca de um caminho interdisciplinar: proposta de núcleo teórico e prático de disciplinas comuns aos cursos de Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia**. Rio de Janeiro: UNIRIO , 1998. Disponível em: <<http://biblioteca.ibict.br/phl8/anexos/Embuscacaminho.pdf> > Acesso em: 29 jul. 2010.

SCHELLENBERG, Theodore R. 1903-1970. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da biblioteca dos reis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SHUSHI, Wu. Cooperation on local history and the concept of network building between libraries, museums, and archives in China. **IFLA Journal**, v. 32, n. 4, p. 356 - 361, 2006. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download;jsessionid=EAF9944EAC0435489E7EB144F121EF96?doi=10.1.1.114.4439&rep=rep1&type=pdf> > Acesso em: 28 jul. 2010.

SMIT, Johanna W. Arquivologia / Biblioteconomia: interfaces das ciências da informação. **Inf. Inf.**, Londrina, v.8, n.1, jun./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.brapi.ufpr.br/download.php?dd0=10785>> Acesso em: 29 jul. 2010

SOARES, MAGDA. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Resenha disponível em: <<http://www.edrev.info/reviews/revp57.pdf>> Acesso em: 28 jul. 2010.

SOUZA, Clarice Muhlethaler de. **Biblioteca: uma trajetória**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA, 3., 2005, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.csouza952.com.br/IICIB.pdf>> Acesso em: 28 jul. 2010.

SOUZA, Clarice Muhlethaler de. **Convergência: um fator de qualidade nas redes acadêmicas**. In: SNBU, 11., 2000, Florianópolis.. Disponível em: <<http://www.csouza952.com.br/t050.pdf>> Acesso em: 28 jul. 2010.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

UNESCO. **Manifesto para bibliotecas públicas**. 2004. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>> Acesso em: 28 jul. 2010.